

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v33.n14.14>

Velhice feminina e memória em *The Blind Assassin*, de Margaret Atwood, e “La respiración cavernaria”, de Samanta Schweblin

Feminine aging and memory in The Blind Assassin, by Margaret Atwood, and “La respiración cavernaria”, by Samanta Schweblin

Letícia Malloy*

Ana Clara Santos Barboza**

Resumo: Este artigo objetiva analisar o romance *The Blind Assassin*, da canadense Margaret Atwood, e o conto “La respiración cavernaria”, da argentina Samanta Schweblin, a partir de três eixos temáticos: a velhice experimentada por suas protagonistas, as memórias individuais a que se reportam e os sentidos atribuídos ao lugar social que ocupam enquanto mulheres. A análise e a interpretação dos textos literários se valem de perspectivas teóricas e críticas, dentre as quais se destacam as de Simone de Beauvoir (2018[1970]), Carmen Lúcia Tindó Secco (1994) e Jacques Derrida (1986). Com fundamento na premissa de que o conceito de velhice possui natureza dialética e é continuamente reconstruído segundo diferentes circunstâncias históricas e socioculturais, o estudo destaca a problematização do envelhecimento feminino a partir de aspectos constantes dos textos literários examinados.

Palavras-chave: Velhice. Memória. Mulher. Margaret Atwood. Samanta Schweblin.

Abstract: This article aims at analyzing the novel *The Blind Assassin*, by the Canadian writer Margaret Atwood, and the short story “La respiración cavernaria”, by the Argentine Samanta Schweblin, by means of three thematic axes: the old age experienced by their protagonists, the individual memories to which they refer and the meanings attributed to the social place they occupy as women. The analysis and interpretation of such literary texts is drawn on theoretical and critical perspectives, among which stand out those of Simone de Beauvoir (2018[1970]), Carmen Lúcia Tindó Secco (1994), and Jacques Derrida (1986). Based on the premise that the concept of old age has a dialectical nature and is continually reconstructed according to different historical and sociocultural circumstances, the study highlights the problematization of female aging taking into account aspects that are presented in the examined literary texts.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

** Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).

Keywords: Old age. Memory. Woman. Margaret Atwood. Samanta Schweblin.

Considerações iniciais

No ano de 1970, Simone de Beauvoir deu a conhecer um extenso e pormenorizado ensaio intitulado *A velhice*. Neste texto, a autora assinala ser imperativa a necessidade de quebrar “a conspiração do silêncio” (2018, p. 7) formada em torno da temática da senescência. Deslocada ao rol de questões postas à margem das dinâmicas socioeconômicas perpetradas por coletividades diversas, a velhice demandaria, segundo Beauvoir, uma mirada mais detida e disposta a ultrapassar percepções depreciativas, cristalizadas historicamente. Nesse sentido, a proposta da filósofa francesa desafia a aparente facilidade atribuída à tarefa de definição do que seja a velhice, afastando-se da identificação de uma figura estereotípica de cabelos brancos, sulcos na pele, sexualidade contida, possíveis fragilidades físicas e sabedoria consolidada pelo passar dos anos.

Na esteira das considerações desenvolvidas por Beauvoir, pesquisadores como a brasileira Carmen Lúcia Tindó Secco (1994) dedicaram-se ao exame da experiência do envelhecimento levando em consideração aspectos não restritos a processos fisiológicos. Sob perspectiva distinta, passa-se a lançar luz sobre elementos de natureza psicológica, cultural, social e econômica que emergem de vivências da pessoa idosa ou que atravessam sua subjetividade. De acordo com Secco (1994, p. 7),

[c]onceituar como velha uma pessoa, só porque atingiu uma soma razoável de anos, é medir a velhice por um critério apenas cronológico. É esquecer sua dimensão temporal subjetiva. O tempo vivido pode ser um depositário de experiências. O calendário externo pode não corresponder à jovialidade interior que mantém ativo um indivíduo de idade avançada. Esta, muitas vezes, também pode não equivaler à cronologia das artérias. Fatores individuais, como temperamento, família, saúde, e fatores sociais, como classe, condições econômicas,

tipo de trabalho, entre outros, interagem e tornam variável o conceito de envelhecimento.

Como sugerido por Secco, a definição de envelhecimento é passível de modulações segundo as experiências individuais e coletivas relacionadas ao avançar da idade. É possível acrescentar que, ao mesmo tempo em que se trata de fenômeno incontornável sob a perspectiva biológica, a velhice é qualificada pela marca da historicidade, isto é, por variações propiciadas pelos conjuntos de valores culturais nutridos em diferentes espaços e temporalidades. Nessa linha de raciocínio, a senectude é verificada como fase vivida de maneiras múltiplas em uma mesma época – um cidadão e um escravo, por exemplo, não a percebem de modo equivalente na Antiguidade clássica –, sendo estas maneiras passíveis de ressignificações em períodos posteriores. A gama de combinações de variáveis associadas ao processo de envelhecimento pode ser exemplificada a partir de ponderações feitas por Cícero no âmbito da Antiguidade romana. Cícero elabora um tratado sobre a velhice, traduzido para o português como *Da velhice* ou como *Saber envelhecer*. Na edição de *Saber envelhecer* (2019) consultada ao longo deste estudo, leem-se meditações do filósofo sobre o envelhecimento do cidadão romano, isto é, do homem livre habilitado a participar das decisões políticas que orientam a comunidade em que se insere. O tratado se volta, desse modo, à organização de observações relativas à nobreza da senectude, que consistiria em momento propício ao aprofundamento do que já foi estudado e ao exercício amadurecido da faculdade de julgamento. Segundo Cícero,

Os que negam à velhice a capacidade de tomar parte dos assuntos públicos não provam nada, portanto. É como se dissessem que, num barco, o piloto repousa, tranquilamente sentado na popa, apoiado ao timão, enquanto os outros escalam os mastros, se ocupam sobre o convés ou esvaziam a latrina. Em verdade, se a velhice não está

incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer. (2019, p. 20-21)

O tom elogioso empregado por Cícero aproxima a velhice das noções de credibilidade e autoridade do idoso em seus trânsitos pelo espaço privado e pela vida pública. Com o devir histórico, observa-se, por um lado, a adoção de perspectivas de louvor ao processo de envelhecimento, a exemplo da encontrada no texto do filósofo romano. Por outro, verificam-se, em textos de natureza filosófica ou literária elaborados em distintos períodos, abordagens que associam o velho a traços de decadência, inutilidade, degeneração, fragilidade e feiura (ASSUNÇÃO apud DINIZ, 2013, p. 22). A existência de percepções dissonantes a respeito da velhice permite que este estágio da vida, assim como os demais estágios, tenha sua definição orientada e reorientada com o passar do tempo. Sob esta óptica, é possível trazer a esta reflexão mais uma das premissas adotadas por Secco, de acordo com a qual, “[s]eguindo o pensamento de Beauvoir, concebemos a categoria velho como uma invenção social que varia, através dos tempos, em função de diferentes fatores, como o cultural, o econômico, o político, entre outros.” (1994, p. 9)

Ao propor a análise dos eixos temáticos velhice, memória e expressões do feminino em *The Blind Assassin*, publicado em 2000 pela canadense Margaret Atwood, e “La respiración cavernaria”, publicado em 2015 pela escritora argentina Samanta Schweblin, este estudo se vale das teses de Simone de Beauvoir e Carmen Lúcia Tindó Secco como pontos de partida para a reflexão sobre o envelhecimento feminino na contemporaneidade, sendo a análise gradualmente respaldada em perspectivas teórico-críticas suplementares. Tais perspectivas

corroboram a natureza dialética da definição de velhice verificada ao longo da análise comparativa daqueles textos literários. Como conceito em transformação incessante, a velhice abriga propriedades e percepções contrárias entre si, as quais se mostram mais ou menos salientes segundo o contexto sociocultural em que o envelhecimento ocorre. Sob este prisma, a análise comparativa dos textos selecionados bem aponta o caráter dialético dos sentidos atribuídos à velhice: em seus enredos, verificam-se oposições entre a autoridade discursiva do idoso e sua sujeição a processos de marginalização e silenciamento; entre o amparo à fragilidade física do sujeito envelhecido e o abandono do velho a seus próprios cuidados; e, ainda, entre a compreensão da velhice como momento de avaliação de uma trajetória de vida e enquanto etapa de incapacitação e alienação.

Do envelhecimento feminino

Assumindo-se, neste estudo, a premissa de que o conceito de velhice possui caráter dialético, o que lhe permite acolher reelaborações contínuas e, por vezes, opostas entre si, passa-se a tecer considerações a respeito, especificamente, do processo de envelhecimento feminino. A partir das reflexões desenvolvidas por Simone de Beauvoir, parece ser razoável a ponderação de que, no que toca às experiências de marginalização e silenciamento, a mulher idosa tem seu sofrimento ainda mais acentuado. A respeito da velhice nas sociedades patriarcais, do mundo antigo à contemporaneidade, Beauvoir assevera que

[j]á que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo; do mesmo modo que para certos primitivos, ao cair fora da condição humana, a mulher assume um caráter sobrenatural: é uma mágica, uma feiticeira com poderes sobrenaturais. (2018, p. 129, grifo original)

A repulsa à velhice feminina é destacada por Beauvoir a partir de alusões ao disposto em textos literários como os *Epodos*, de Horácio (2018, p. 128), fábulas satíricas medievais, contos transcritos pelos irmãos Grimm (2018, p. 143) e em obras de escritores como François Rabelais (2018, p. 158) e Jonathan Swift (2018, p. 198). Nestes exemplos, verificam-se atitudes de repugnância à aparência física da mulher idosa, assim como a eventuais manifestações de poder e a expressões de sexualidade por parte dessa sorte de personagem. Pode-se afirmar que, ainda em tempos recentes, prevalece a marginalização mais acentuada do envelhecimento feminino. Para isso, coloca-se em diálogo o referido ensaio escrito por Simone de Beauvoir e o artigo “The Double Standard of Aging”, publicado por Susan Sontag em 1972 – apenas dois anos após a divulgação do estudo da filósofa francesa.

Observa-se que, a exemplo de Beauvoir, Sontag pontua que as situações de marginalização e silenciamento da mulher, de modo geral, e da idosa, em específico, vêm de longa data. Referindo-se a uma espécie de “fobia de bruxas”, a filósofa e crítica estadunidense pondera que

[u]ma das atitudes que mais severamente punem as mulheres é o horror visceral sentido em face da carne feminina em envelhecimento. Isso revela um medo radical de mulheres instalado profundamente nessa cultura, uma demonologia das mulheres cristalizada em caricaturas míticas como a megera, a virago, a vampira e a bruxa. Vários séculos de fobia de bruxas, durante os quais um dos mais brutos programas de extermínio da história ocidental foi conduzido, sugerem algo sobre a severidade desse medo. (1972, p. 37, tradução nossa)³

³ “One of the attitudes that punish women most severely is the visceral horror felt at aging female flesh. It reveals a radical fear of women installed deep in this culture, a demonology of women that has crystallized in such mythic caricatures as the vixen, the virago, the vamp, and the witch. Several centuries of witch-phobia, during which one of the crudest extermination programs in Western history was carried out, suggest something of the extremity of this fear.”

Após adotar uma premissa similar à encontrada no texto de Simone de Beauvoir acerca do envelhecimento feminino, Susan Sontag pondera que a repulsa à mulher idosa persiste nas sociedades contemporâneas, tendo sido ressignificada e adequada às idiosincrasias deste momento histórico. Nesse sentido, ainda que não se verifique uma explícita institucionalização de programas de aniquilamento da mulher envelhecida, percebe-se a continuidade de dinâmicas, tornadas quotidianas e por vezes veladas, de constrangimento. Uma dessas dinâmicas reside na bipartição entre o que seja o envelhecimento masculino e o feminino. Valendo-se do termo “duplo padrão de envelhecimento”, Sontag assinala o maior grau de penúria relacionado à experiência das mulheres:

Envelhecer é menos aborrecido para um homem, pois além da propaganda pela juventude que coloca tanto o homem quanto a mulher na defensiva à medida que envelhecem, há um duplo padrão quanto ao envelhecimento que denuncia a mulher com especial severidade. A sociedade é muito mais permissiva em relação ao envelhecimento nos homens, já que é mais tolerante às infidelidades sexuais dos maridos. Os homens são “autorizados” a envelhecer, sem penalidades, de muitas maneiras que as mulheres não são. (1972, p. 31, tradução nossa)⁴

As ponderações feitas por Beauvoir e Sontag acerca do envelhecimento feminino, bem como o modo por meio do qual tal envelhecimento resulta, historicamente, na prevalência de caracterizações estereotipadas da mulher idosa na literatura, é relevante à análise ora proposta. Se, por um lado, *The Blind Assassin* e “La respiración cavernaria” não se desvencilham de percepções derrisórias a respeito da velhice, por outro participam de uma tendência à promoção de reflexões sobre a complexidade da

⁴ “Getting older is less profoundly wounding for a man, for in addition to the propaganda for youth that puts both men and women on the defensive as they age, there is a double standard about aging that denounces women with special severity. Society is much more permissive about aging in men, as it is more tolerant of the sexual infidelities of husbands. Men are ‘allowed’ to age, without penalty, in several ways that women are not.”

experiência do envelhecimento. De maneira ampla, essas reflexões foram impulsionadas pela delimitação da Geriatria e da Gerontologia como campos do conhecimento no início do século XX (SECCO, 1994, p. 9; BEAUVOIR, 2018, p. 27) e, bem assim, por reavaliações do conceito de desenvolvimento humano. A respeito deste conceito, António Manuel Fonseca afirma que

[...] ao longo da segunda metade do século [XX] foram emergindo concepções de natureza multidisciplinar que reflectiam conceitos diferenciados de desenvolvimento. Essas concepções baseiam-se no pressuposto de que o desenvolvimento ocorre ao longo de toda a vida e é determinado não apenas pela idade (*sic*) mas por múltiplos outros factores, o que acabou por alargar a própria esfera de acção da ciência desenvolvimental. (FONSECA apud SCHWERTNER; BODNAR, 2018, p. 2)

A exemplo do que ocorre em outros domínios do conhecimento, a esfera da composição literária tem se mostrado atenta ao adensamento das reflexões sobre a velhice. É o que se depreende de textos oriundos de sistemas literários diversos, como *The Stone Angel* (Margaret Laurence, 1964), *Diario de la guerra del cerdo* (Adolfo Bioy Casares, 1969), *A obscena senhora D* (Hilda Hilst, 1982) e *Staring at the Sun* (Julian Barnes, 1986). O romance *The Blind Assassin* e o conto “La respiración cavernaria” podem ser examinados como parte de um amplo movimento, que se reporta ao tratamento conferido à velhice por tradições culturais e literárias ao mesmo tempo em que procura dar conta de um maior número de facetas relacionadas à velhice. Na seção a seguir, passa-se à análise dos textos selecionados.

***The Blind Assassin* e “La respiración cavernaria”**

Iris Chase, protagonista do romance *The Blind Assassin*, de Margaret Atwood, é uma octogenária, moradora da pequena cidade canadense de Port Ticonderoga, que se encontra em seus últimos dias de vida em razão de uma fragilidade cardíaca. Em face da aproximação

da morte, Iris se dedica a um trabalho de rememoração de sua trajetória por meio da escrita. Com isso, objetiva deixar registros sobre a linhagem familiar dos Chase para sua neta, com quem não mantém qualquer contato. A narrativa de Atwood não se limita, porém, à exposição linear de recordações relacionadas à família da personagem central: estas são entremeadas a registros feitos pela protagonista acerca das marcas do envelhecimento percebidas em seu corpo, a fragmentos de artigos de jornais que tratam, dentre outros temas, do possível suicídio de sua irmã, Laura, e a trechos de um romance escrito por Iris, cuja autoria é atribuída a Laura durante décadas. Desse modo, além de proceder a um amplo exercício retrospectivo, a idosa discorre sobre sua rotina e sobre limitações físicas acarretadas pela experiência imediata da senescência, a exemplo do que se lê na passagem em que expressa rejeição ao odor supostamente provocado pelo envelhecimento de seu corpo:

Então eu entrei no chuveiro, segurando na barra que Myra me obrigou a mandar colocar, tomando cuidado para não deixar cair o sabonete: eu tenho medo de escorregar. Mas o corpo precisa ser lavado, para tirar da pele o cheiro da escuridão da noite. Eu desconfio que tenho um odor que não consigo mais detectar – um cheiro de carne velha e de mijo turvo, envelhecido. (ATWOOD, 2001, p. 45)⁵

Além de orientar os processos físicos e emocionais experimentados pela personagem, a velhice desempenha outros dois papéis importantes ao longo da narrativa. O primeiro deles reside na possibilidade de preparação para a morte, uma vez que, ao se mostrar ciente de que atravessa seus últimos momentos, Iris prepara um manuscrito que apresenta sua versão da história da família Chase, versão esta que será transmitida a sua neta. O segundo

⁵ “Then I stepped into the shower, holding on to the grip bar Myra’s bullied me into, careful not to drop the soap: I’m apprehensive of slipping. Still the body must be hosed down, to get the smell of nocturnal darkness off the skin. I suspect myself of having an odour I myself can no longer detect – a stink of stale flesh and clouded, aging pee.” (ATWOOD, 2000, p. 37)

papel consiste na oportunidade de redenção, pois, naquele estágio da vida, a personagem se encontra desembaraçada de impedimentos outrora colocados pela ruína econômica da família Chase e da fictícia cidade de Port Ticonderoga, pela submissão a um casamento de interesses com Richard Griffen, um grande industrial de Toronto, e pela necessidade de manutenção da aparência de filha zelosa e esposa leal. Em sua velhice, apesar de se ressentir da decadência física e da perda de autonomia, Iris se percebe autorizada a registrar suas memórias individuais; com isso, analisa e estrutura sua versão dos acontecimentos, expondo impressões, desnudando suas falhas e trazendo à tona o histórico de abusos físicos e psicológicos perpetrados pelo marido, Richard, contra sua irmã, Laura. A partir de lembranças relacionadas à cidade natal e, mais tarde, a Toronto, a protagonista reexamina sua vida, o que lhe permite, como bem apontam Ben P. Cecil and Lynn A. Cecil no artigo intitulado “Memory and place-based identity of the elderly in Margaret Atwood’s *The Blind Assassin* and Margaret Laurence’s *The Stone Angel*”, reconhecer seu valor e aceitar aspectos de sua identidade (2007, p. 247).

Enquanto em *The Blind Assassin* o leitor tem acesso a um amplo espectro de informações reunidas pela personagem central, em “La respiración cavernaria”, de Samanta Schweblin, dá-se a conhecer Lola, uma protagonista idosa que, além de vivenciar limitações de memória decorrentes da Doença de Alzheimer, é acometida por fragilidades físicas que prejudicam sua autonomia e a tornam dependente do marido. A exposição dos eventos ao leitor no texto de Schweblin é orientada pelas restrições de ordem mental sofridas por Lola; conseqüentemente, não são acessados mais que lampejos sobre sua história familiar e sua relação com a comunidade onde vive. Em razão da série de fragilidades decorrentes do envelhecimento, Lola se incomoda e se preocupa constantemente, em seus momentos de

lucidez, com os riscos de se expor a desconhecidos. Por este motivo, a personagem opta por se recolher em casa e deixar que seu marido, um personagem não nomeado, realize tarefas que demandem saídas de casa. Da janela, a protagonista se mantém atenta às mudanças que ocorrem ao seu redor, tais como a chegada de novos vizinhos (SCHWEBLIN, 2020, p. 50-51), e manifesta contrariedade em face de qualquer aparência de novidade.

Diversamente de Iris, que usufrui de plena lucidez para avaliar o próprio processo de envelhecimento, Lola se limita ao cumprimento do objetivo de organizar seus pertences em caixas, posteriormente armazenadas pelo marido na garagem de casa. Para se lembrar de tarefas essenciais, a protagonista do conto mantém junto ao corpo, por recomendação médica, uma pequena lista de informações-chave, cuja utilidade é justificada do seguinte modo:

A lista era parte de um plano: Lola suspeitava que sua vida havia sido demasiado longa, tão simples e leve que agora carecia de peso suficiente para desaparecer. Havia concluído, ao analisar a experiência de alguns conhecidos, que até na velhice a morte necessitava de um golpe final. Um empurrão emocional, ou físico. E ela não podia dar a seu corpo nada disso. Queria morrer, mas todas as manhãs, inevitavelmente, voltava a despertar. [...] Disso se tratava a lista, disso e de se manter focada no importante. Recorria a ela quando dispersava, quando algo a alterava ou a distraía e esquecia o que estava fazendo. Era uma lista breve: Classificar tudo.

Doar o prescindível.

Embalar o importante.⁶ (SCHWEBLIN, 2020, p. 45, tradução nossa)

⁶ “La lista era parte de un plan: Lola sospechaba que su vida había sido demasiado larga, tan simple y liviana que ahora carecía del peso suficiente para desaparecer. Había concluido, al analizar la experiencia de algunos conocidos, que incluso en la vejez la muerte necesitaba de un golpe final. Un empujón emocional, o físico. Y ella no podía darle a su cuerpo nada de eso. Quería morir, pero todas las mañanas, inevitablemente, volvía a despertarse. [...] De eso se trataba la lista, de eso y de mantenerse focalizada en lo importante. Recurría a ella cuando se dispersaba, cuando algo la alteraba o la distraía y olvidaba qué era lo que estaba haciendo. Era una lista breve: Clasificarlo todo.
Donar lo prescindible.
Embalar lo importante.”

Seus dias, dessa maneira, restringem-se a um rito de esvaziamento da casa visando a abrir espaço ao fim da vida. Ao se dedicar à rotina de empacotamento de objetos, Lola busca, também, não deixar qualquer tipo de incômodo ou trabalho após sua morte. Não há em “La respiración cavernaria”, por parte da protagonista, exercícios analíticos demorados de rememoração. Lola se ocupa somente da rotina de anulação de sua existência, promovendo o apagamento de vestígios pessoais: “O que sim podia fazer [...] era organizá-lo [o espaço doméstico] todo nessa direção, diminuir sua própria vida, reduzir seu espaço até eliminá-lo por completo”. (SCHWEBLIN, 2020, p. 45, tradução nossa)⁷

É de se notar que os textos de Margaret Atwood e Samanta Schweblin tratam de possibilidades expressivamente distintas quanto à experiência da senectude, visitando matizes que confirmam o caráter dialético do conceito de velhice. De um lado, esta acena com a plena capacidade de avaliação decorrente do amadurecimento, afiliando-se ao auge da sabedoria elogiado por Cícero; de outro, sobrevém como degeneração da qual o sujeito deseja se desvencilhar. Como observa Beauvoir a respeito da segunda situação, “[...] apenas o nada os ‘liberta’ de seu corpo: antes, este existe cruelmente, como fonte de frustração e sofrimento. Em nenhum plano se manifesta tão abertamente a indecência da cultura que herdamos.” (2018, p. 290) Ressalta-se, ainda a partir da afirmação feita pela filósofa, que a decadência física e psíquica na velhice pode se tornar ainda mais penosa pela forma como tal estágio da vida é percebido coletivamente, acentuando – não raro com o assentimento do próprio idoso – percepções de demérito, indignidade e vergonha.

⁷ “Lo que sí podía hacer, en cambio era organizarlo [o espaço doméstico] todo en esa dirección, aminorar su propia vida, reducir su espacio hasta eliminarlo por completo”.

As distintas experiências da velhice nos textos literários analisados realçam, desse modo, os sentidos construídos pelas personagens a respeito da etapa final de suas existências. Pode-se perceber, em *The Blind Assassin*, que a narrativa trazida em primeira pessoa por Iris apresenta uma mirada que busca se estender para além da vida da personagem, uma vez que esta objetiva deixar à neta, como legado, a escrita de suas memórias, vingar-se das situações opressivas impostas pelo marido, fazer justiça à história da irmã e liberar-se de amarras sociais que a impediam de se expressar. A propósito da ideia de transmissão de um legado, vale observar, recorrendo-se uma vez mais a Beauvoir, que “[n]ossos projetos podem visar a fins que estão situados além de nossa morte: sabe-se a importância que a maioria das pessoas atribuem a suas disposições testamentárias, à execução de suas últimas vontades.” (2018, p. 396) Iris chama a si a autoridade do discurso e se percebe em um momento de maior entendimento e clareza. Já a conduta de Lola, orientada em importante medida por uma curta lista de lembretes que carrega consigo, contribui para o arrefecimento do significado de sua presença na própria casa. Sua mirada para o futuro vislumbra apenas o término do ciclo vital.

Neste ponto da análise, cabe reiterar que, em seu estudo sobre a senescência, Simone de Beauvoir destaca que algumas dinâmicas subjacentes à marginalização da velhice acabam por ser internalizadas e fomentadas pelos próprios idosos. O abafamento de suas personalidades e a diminuição de seus papéis nos âmbitos público e privado trazem-lhes sentimentos de infelicidade e de vergonha. São, assim, condenados à exclusão e à solidão (BEAUVOIR, 2018, p. 11). Em “La respiración cavernaria”, Schweblin problematiza o abandono sofrido na velhice por meio do sentimento de vergonha acarretado pela exposição de fragilidades físicas e mentais. Isso se dá, especialmente, por meio da exposição de um incidente em que Lola perde o controle

corporal e urina enquanto faz compras em um supermercado. Sentindo-se humilhada, a personagem se mantém reclusa, sem nem mesmo comentar o ocorrido em conversas com o marido. Percebe-se, então, que a vergonha consiste em construção social, dado que não há nada de objetivamente vergonhoso no envelhecimento e na vulnerabilidade, e essa construção acaba por deslocar o sujeito à margem de um sentido de humanidade. Como pondera Mariana Salamanca Vázquez ao analisar “La respiración cavernaria”,

[n]ão há nada intrinsecamente vergonhoso no processo do envelhecimento; a vergonha aparece, em contrapartida, como consequência do envelhecimento na sociedade, pois o sujeito ancião é incapaz de se ajustar às exigências sociais que, aparentemente, podia cumprir durante as fases adulta jovem e madura. Dessa maneira, a vergonha que opera na construção social do envelhecimento está para além de uma emoção subjetiva. (SALAMANCA VÁZQUEZ, 2019, p. 450, tradução nossa)⁸

Em *The Blind Assassin*, Iris também vê seu corpo fragilizado. Ao contrário de Lola, que após o falecimento do marido é relegada ao completo abandono (SCHWEBLIN, 2020, p. 79-80), recebe a assistência de um casal de amigos, Myra e Walter, que a auxiliam em suas atividades domésticas, em consertos na casa e em sua locomoção. O auxílio recebido lhe poupa da situação de abandono total e lhe possibilita uma velhice minimamente confortável. Por outro lado, os cuidados-extras resultam na relativização da autonomia de Iris: apesar de lúcida e capaz de tomar decisões, a protagonista precisa ceder a encaminhamentos tomados por Myra quanto ao asseio e à organização do espaço doméstico. Verifica-se assim que, não obstante a manifesta boa vontade de Myra e Walter para com

⁸ “No hay nada intrínsecamente vergonzoso en el proceso de envejecer; la vergüenza aparece, en cambio, como consecuencia del envejecimiento en sociedad, pues el sujeto anciano es incapaz de ajustarse a las exigencias sociales que, al parecer, sí podía cumplir durante la adultez temprana y madura. De esta manera, la vergüenza que opera en la construcción social del envejecimiento va más allá de ser una emoción subjetiva.”

Iris, a relação entre os amigos implica em certa infantilização da idosa, supostamente incapaz de atender às suas necessidades. Tal infantilização ocorre, ainda, na interação entre Iris e seu médico. Em passagem na qual a protagonista reclama de insônia, o profissional age de forma a sobrepujar sua capacidade de discernimento:

Ele estava escrevendo uma receita, sem dúvida de pílulas de açúcar. Ele deu uma risadinha: achou que tinha sido muito engraçado. Depois de um determinado ponto, as devastações da experiência começam a virar pelo avesso; nós ganhamos inocência com a velhice, pelo menos na opinião dos outros. O que o médico vê quando olha para mim é uma galinha velha e inútil e, portanto, inocente. (ATWOOD, 2001, p. 354)⁹

A infantilização da velhice encontra ressonância similar em “La respiración cavernaria”, por ocasião de uma consulta médica em que Lola é indagada:

“Como a senhora se sente hoje?”. Isso perguntou o médico do hospital nas três ou quatro vezes em que foi vê-la em casa. Sempre estava com calor, Lola podia sentir sua respiração, algo que ela não considerava higiênico em se tratando de um médico. Mas a pergunta era o que mais lhe incomodava. Claramente dirigida a ele [o marido], confinado somente em sua opinião quando a paciente era ela. (SCHWEBLIN, 2020, p. 63, tradução nossa)¹⁰

Paralelamente ao trato de questões relacionadas ao envelhecimento corporal, Iris e Lola se veem, ainda que de maneiras e com alcances bastante distintos, às voltas com processos rememorativos. Em ambos os textos, o acesso a memórias individuais se dá por meio de movimentos de aproximação e afastamento do

⁹ “He was writing a prescription, no doubt for sugar pills. He chuckled to himself: he thought he’d been quite funny. After a certain point, the ravages of experience reverse themselves; we put on innocence with advancing age, at least in the mind of others. What the doctor sees when he looks at me is an ineffectual and therefore blameless old biddy.” (ATWOOD, 2000, p. 384)

¹⁰ “¿Cómo se siente hoy la señora?”. Eso preguntó el médico del hospital las tres o cuatro veces que fue a verla a la casa. Siempre estaba acalorado, Lola podía oler su respiración, algo que ella no consideraba higiénico tratándose de un médico. Pero era la pregunta lo que más le molestaba. Claramente dirigida a él, confiando solo en su opinión cuando la paciente era ella.”

trauma. Tendo em vista o entremear de lembranças traumáticas nas duas narrativas, afigura-se pertinente recorrer às ponderações feitas por Jacques Derrida na Apresentação do livro *The Wolf Man's Magic Word: a Criptonymy*, de Nicholas Abraham e Maria Torok (1986). Ao abordar as ideias de cripta e encriptação de memórias traumáticas, Derrida afirma que “[a] cripta não é [...] um lugar natural, mas a história notável de um artifício, uma *arquitectura*, um artefato: de um local *compreendido* em outro, mas rigorosamente separado dele, separado do espaço geral por partições, um cercado, um enclave” (DERRIDA, 1986, p. xiv, tradução nossa, grifos originais)¹¹. Em contrapartida, a cripta não é “hermeticamente fechada”, pois há a possibilidade de ocorrerem trocas entre o subconsciente e o consciente que fornecem, a este, símbolos utilizados pelo sujeito para tangenciar o trauma (DERRIDA, 1986, p. xv).

Em *The Blind Assassin*, a protagonista se dedica, como afirmado anteriormente, ao registro de memórias individuais e de aspectos da memória coletiva relacionados a Port Ticonderoga. Ao se ver confrontada com a experiência do envelhecimento, Iris se vale da rememoração da infância e da juventude e busca promover a conciliação, nos termos empregados por Brian J. Worsfold a respeito da senescência feminina, entre a identidade que construiu ao longo do tempo e a aparência que, na senectude, encara diante do espelho (WORSFOLD, 2005, p. xviii). Às primeiras páginas do romance de Atwood, a personagem se reporta ao momento em que, já adulta, recebe a notícia da morte de sua irmã. Verifica-se que as memórias redigidas por Iris orbitam em torno do trauma da perda de Laura. Este evento somente é acessado, de fato, ao final da narrativa, quando o

¹¹ “The crypt is [...] not a natural place [...], but the striking history of an artifice, an *architecture*, an artifact: of a place *comprehended* within another but rigorously separate from it, isolated from general space by partitions, an enclosure, an enclave.”

leitor toma conhecimento de que o livro intitulado *O assassino cego*, de autoria atribuída a Laura Chase, teria sido paulatinamente escrito por Iris. A obra seria uma espécie de registro dos encontros amorosos mantidos entre a protagonista e Alex Thomas, escritor e participante do movimento comunista que se opõe radicalmente à elite econômica canadense representada por Richard Griffen, marido de Iris.

Naquele livro, pertencente ao gênero de ficção científica, a protagonista lança mão de um apanhado de símbolos para, indiretamente, criticar a sociedade patriarcal em que está inserida, o limitado horizonte de possibilidades aberto às mulheres canadenses na primeira metade do século XX e a submissão feminina no casamento. Apenas por meio da escrita de suas memórias, em idade avançada, Iris consegue acessar os traumas que havia encapsulado e registrá-los sob a forma de texto deixado à neta. Ressalta-se, de toda sorte, que o contato com as memórias encriptadas não se dá por completo, como reconhece a protagonista:

Eu releio o que escrevi e sei que está errado, não pelo que contei, mas pelo que omiti. O que não está escrito tem uma presença, como a ausência de luz. Você quer a verdade, é claro. Você quer que eu junte dois e dois. Mas dois e dois não levarão ninguém necessariamente à verdade. Dois e dois são uma voz do lado de fora da janela. Dois e dois são o vento. O pássaro não é a soma dos seus ossos. (ATWOOD, 2001, p. 375)¹²

No conto “La respiración cavernaria”, a seu turno, Samanta Schweblin opta por atribuir lampejos de memórias à protagonista, que ora as esquece em virtude do adoecimento mental, ora delas se esquiva por se tratarem de lembranças traumáticas. A esse respeito,

¹² “I look back over what I’ve written and I know it’s wrong, not because of what I’ve set down, but because of what I’ve omitted. What isn’t there has a presence, like the absence of light. You want the truth, of course. You want me to put two and two together. But two and two doesn’t necessarily get you the truth. Two and two equals a voice outside the window. Two and two equals the wind. The living bird is not its labelled bones.” (ATWOOD, 2000, p. 407)

citam-se dois episódios compreendidos no texto literário. No primeiro deles, Lola se recorda com ressentimento do constrangimento sofrido no supermercado, evitando tecer qualquer comentário com o marido sobre sua percepção de vulnerabilidade: “Não depois do incidente, não depois daquela tarde nefasta no supermercado. Era uma das poucas coisas de que se recordava com clareza, e a enchia de vergonha. Ele também se recordaria? Sabia só do que viu ao chegar? Ou com o tempo as testemunhas teriam contado tudo a ele?” (SCHWEBLIN, 2015, p. 55, tradução nossa)¹³. No segundo, a personagem rememora a presença do filho no espaço da casa: “[à]s vezes ele [o marido] comprava achocolatado, vinha em pó para se preparar com leite, como o que tomava seu filho antes de adoecer. O filho que haviam tido não havia chegado a passar a altura dos armários. Havia morrido muito antes” (SCHWEBLIN, 2015, p. 48, tradução nossa)¹⁴.

No romance de Margaret Atwood, Iris acessa, ainda que não completamente, a cripta em que seus traumas foram encerrados anos a fio; ao fazê-lo, consegue não apenas relatar as circunstâncias da morte de sua irmã, como também se coloca ao centro de sua história, informando à neta a verdadeira autoria de *O assassino cego* e listando os sacrifícios feitos pelo pai, pelo marido e pela manutenção de uma situação financeira que parecia favorável à família Chase. No conto de Samanta Schweblin, por sua vez, as breves visitas de Lola a traumas encriptados se dá a partir da conciliação entre uma mirada prospectiva, que vislumbra e deseja a morte, e o ressentimento quanto aos anos dedicados ao casamento: “[s]abia que isso não era certo – isso de que estava morrendo –, mas às vezes gostava de fantasiar essa ideia.

¹³ “No después del incidente, no después de esa tarde nefasta en el supermercado. Era una de las pocas cosas que recordaba con claridad, y la llenaba de vergüenza. ¿Él también lo recordaría? ¿Sabría solo lo que vio al llegar? ¿O con el tiempo los testigos se lo habrían contado todo?”.

¹⁴ “A veces él compraba chocolatada, venía en polvo para preparar con leche, como la que tomaba su hijo antes de enfermarse. El hijo que habían tenido no había llegado a pasar la altura de las alacenas. Había muerto mucho antes.”

Era algo que ele [o marido] merecia: com sua morte ele vislumbraria o quão importante ela havia sido para ele, os anos em que ela havia estado a seu serviço” (SCHWEBLIN, 2020, p. 74, tradução nossa)¹⁵. Ainda que pouco detalhada, a lembrança sobre sua história conjugal se serve de um importante índice, qual seja, o de que não esteve “ao lado” e não protagonizou uma história vivida por duas subjetividades; antes, esteve “a serviço” do companheiro. Em um desfecho amargo, é Lola quem vive os últimos dias sozinha, já completamente privada de recordações e entregue ao adoecimento.

Considerações finais

Este estudo procurou evidenciar, a partir da análise comparativa de dois textos literários, o caráter histórico e dialético do que se compreende como envelhecimento. Conforme observado por Simone de Beauvoir e Carmen Lúcia Tindó Secco, os tratamentos conferidos à velhice resultam de seguidos rearranjos de fatores socioculturais, econômicos e políticos que orientam as coletividades nos mais diversos contextos históricos e geográficos. A complexidade da experiência da velhice tem recebido atenção crescente, propiciando o incremento de áreas como a Geriatria e a Gerontologia e, mais recentemente, uma maior articulação dos denominados Estudos Etários.

A exemplo do que ocorre em outros domínios do conhecimento, a esfera da composição literária tem se mostrado atenta ao adensamento das reflexões sobre a velhice. Dentre as vozes que se levantam e comentam a velhice com maior vagar, encontram-se as de Margaret Atwood e Samanta Schweblin. Em seus textos, as escritoras promovem duas personagens idosas à posição central, organizando os eventos

¹⁵ “Sabía que eso no era cierto – eso de que se estaba muriendo –, pero a veces le gustaba fantasear con esa idea. Era algo que él merecía: con su muerte él vislumbraría lo importante que ella había sido para él, los años que ella había estado a su servicio.”

segundo suas recordações, seus traumas e suas percepções sobre o papel que desempenham enquanto mulheres. Se, de um lado, Atwood e Schweblin repisam pontos de vista pejorativos a respeito da velhice, de outro ampliam as possibilidades de análise desse estágio da vida e realçam a humanidade de sua condição.

Referências

ATWOOD, Margaret. *The Blind Assassin*. New York: Anchor Books, 2000.

ATWOOD, Margaret. *O assassino cego*. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CECIL, Ben P.; CECIL, Lynn A. Memory and place-based Identity of the elderly in Margaret Atwood's *The Blind Assassin* and Margaret Laurence's *The Stone Angel*. In: *Prairie Perspectives: Geographical Essays*. v. 10. p. 239-263. Prairie Division of the Canadian Association of Geographers, 2007. Disponível em <<https://pcag.uwinnipeg.ca/Prairie-Perspectives/PP-Vol10/Cecil-Cecil.pdf>> Acesso em 30 jan. 2021.

CÍCERO. *Saber envelhecer*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019.

DERRIDA, Jacques. Foreword. Fors: The English Words of Nicolas Abraham and Maria Torok. Trad. Barbara Johnson. In: ABRAHAM, Nicholas; TOROK, Maria. *The Wolf Man's Magic Word: a Criptonymy*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1986.

DINIZ, Letícia Fernandes Malloy. *O homem-ilha, o arquipélago e o mar bravo: velhice e insulamento em Diário de la guerra del cerdo, de Adolfo Bioy Casares*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

SCHWEBLIN, Samanta. “La respiración cavernaria”. In: SCHWEBLIN, Samanta. *Siete casas vacías*. Colección Voces. 6. ed. Madrid: Páginas de Espuma, 2020.

SCHWERTNER, M. R.; BODNAR, R. Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 56, p. 1-10, 6 fev. 2019.

SALAMANCA VÁZQUEZ, Mariana. “Un gran monstruo prehistórico en el centro del cuerpo”: la representación del envejecimiento en “La respiración cavernaria” de Samanta Schweblin. *Pasavento*. Revista de Estudios Hispánicos. v. VII, n. 2, p. 445-461, 2019.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

SONTAG, Susan. The Double Standard of Aging. *The Saturday Review*, September 23, 1972, p. 29-38. Disponível em: <<https://www.unz.com/print/SaturdayRev-1972sep23-00029>> Acesso em: 09 abr. 2021.

WORSFOLD, Brian J. (Ed.). *Women Ageing Through Literature and Experience*. Lleida, Catalunha: Grup Dedal-Lit, 2005.

Recebido em: 10/05/2022
Aprovado em: 06/07/2022